

## Estigmas: espaço para exclusão social

Zélia Maria de Melo <sup>1</sup>

### Resumo

A autora, tomando como base os estudos de Erving Goffman sobre os estigmas, reflete como as instituições podem abrir um espaço para questionar e contribuir na inclusão dos estigmatizados na sociedade. O diferente, também, no lugar do semelhante.

**Palavras-chave:** estigmas, exclusão, família, violência, espaços acadêmicos e inclusão social.

### Abstract

Resorting to Erving Goffman's work on stigmas, some reflections on how institutions can open a space to question and contribute to the inclusion of the stigmatized in society. Also the different in place of the similar.

**Key words:** stigma, exclusion, family, violence, academic spaces, social inclusion.

**N**os seus escritos, Goffman <sup>2</sup> (1993, p. 11) refere-se ao uso da palavra estigma, expressão utilizada na Grécia antiga que significava:

*Signos corporales, sobre los cuales se intentaba exhibir algo malo y poco habitual en el status moral de quien los presentaba.*

O estigma era, portanto, marca representada por um corte ou uma queimadura no corpo e significava algo de mau para a convivência social, representativa de um registro de escravatura ou de criminalidade, algo que simbolizava um rito de desonra, um mito da tradição da época. Essa marca significava uma advertência, um sinal para se evitarem contatos nas relações sociais, tanto no contexto particular, isto é, privado, como, princi-

palmente, nas relações institucionais de caráter público, pois comprometiam as relações comerciais.

Na época do Cristianismo, as marcas corporais tinham um significado metafórico: os sinais representavam a “Graça Divina”, que se manifestavam através da pele, e também uma referência médica, cuja manifestação religiosa se expressava como sinais corporais representativos de perturbações físicas.

Na atualidade, a palavra estigma remete um pouco a alguns registros dos antigos gregos, um mito de desonra, uma tradição passada de uma geração a outra, cuja representação é algo de negativo, de desconforto nos contatos e que devem ser evitados, pois representa uma ameaça à convivência sadia do sujeito dentro do grupo ao qual pertence. O sujeito denominado como portador de um estigma não pode pertencer à mesma categoria de sujeitos (cidadãos), isto é, participar com os mesmos direitos, mas tem de obedecer às regras da marginalidade e responder dentro dos critérios preestabelecidos para o grupo. E, como diferente, não pode contribuir com a sua diferença, com a ampliação da sua potencialidade, mas contribui na diferença como registro da incapacidade, pois é portador de algo que não acrescenta e pouco soma ao ser humano.

Para Goffman (1993, p. 11) <sup>3</sup>,

La sociedad establece los medios para caracterizar a las personas y el complemento de atributos, que se perciben como corrientes y naturales a los miembros de cada una de esas categorías.

A sociedade estabelece um modelo e espera que todos, ou quase todos, respondam a esses critérios predeterminados pelo sistema de controle social. Cria padrões e, dentro desses modelos, estabelece as categorias. Como sistema de controle, tem como objetivo catalogar as pessoas pelos atributos considerados comuns e naturais para os membros de cada categoria. Determina os atributos isto é, qualidades pessoais, posições de poder, “status”, critérios de ordem de valores éticos e

estéticos etc., marcando juízos de valores éticos e morais aos sujeitos que não correspondem às qualidades determinadas para cada categoria. Rotula, cataloga os sujeitos e os estigmatiza, marginalizando-os e classificando-os como sujeitos ou grupos de sujeitos de pouca potencialidade humana, criativa, e até mesmo destrutivos, prejudiciais à convivência comunitária. O modelo social cria e determina um padrão externo ao sujeito, sobre o qual permite prever a categoria e os atributos; e isso passa a ser configurado como um critério único da identidade social do sujeito, que irá nortear as suas relações de convivência social, no entanto tais atributos poderão não representar sua identidade real. Criamos, assim, um modelo social do indivíduo, e, no processo das nossas vivências, passa a ser pouco perceptível a imagem social do indivíduo que criamos; esta pode não corresponder à realidade, e sim ao que deveria ser.

Em uma situação de confronto com um sujeito ou grupos que não se enquadram nos atributos pertencentes a sua categoria, isto é, que assumem diferentes posturas, ou não, são enquadrados dentro dos atributos estéticos, “status” econômicos, cor, nacionalidade etc. Esses atributos considerados pouco semelhantes no contexto da comparação convertem o sujeito em algo pouco aceito e rejeitado, porque ao grupo social busca, nas suas interações relacionais com seus pares, as semelhanças e não as diferenças na convivência cotidiana. Assim, poderão ocorrer situações extremas, e o sujeito estigmatizado poderá ser convertido em algo maléfico, mau e, até mesmo, perigoso nas suas inter-relações. Deixamos de vê-lo como sujeito comum e o convertemos não somente em uma pessoa diferente mas também com pouca potencialidade e prejudicial ainda no que diz respeito às regras sociais. Convertemo-lo em um sujeito desprovido de critérios também éticos e morais. Representamos o sujeito como estigmatizado e o consideramos, também, marginalizado no contexto da produção técnica, científica e humana.

Sendo assim, o estigmatizado é travestido de uma marca, um sinal de alerta, de ausência de produtividade, criatividade ou deformações éticas e morais. Em conseqüência, os contatos sociais

devem ser evitados. Estabelecer contatos com a diferença poderá representar uma ameaça para a sociedade, pois o indivíduo dito estigmatizado torna-se um sujeito marcado, significando uma identidade social deteriorada para a convivência com os demais.

Goffman destaca, ainda, que o estigma estabelece uma relação com o outro de forma impessoal, despersonalizante. O sujeito não surge como uma individualidade, mas como representação circunstancial de certas características típicas da classe do estigma. É uma categoria de determinações, marcas internas, totalizante e globalizante do sujeito. Acusa e denuncia um desvio como algo diferente, mas também como uma diferença de identidade social e real.

O estigma é um atributo que produz um descrédito amplo na vida do sujeito; em situações extremas, é nomeado como marca ou desvantagem em relação ao outro; isso constitui uma discrepância entre a identidade social, demarcada por um modelo social e a identidade real. Para os estigmatizados, a sociedade reduz suas oportunidades, esforços e movimentos, não lhes atribui valor; impõe-lhes a perda da identidade social de seres individualizados e determina uma imagem deteriorada dentro do modelo que convém à sociedade. Significa que o social anula a individualidade e determina o modelo que interessa para manter o padrão de poder e anula todos os que rompem ou tentam romper com o modelo social. O diferente passa a assumir a categoria de “nocivo”, “incapaz”, somando-se ainda todos os atributos significativos e representativos de estar fora do parâmetro que a sociedade toma como padrão. O diferente assume o caráter de estar à margem e passa a ter que responder ao que a sociedade determina, pertencer ao grupo de rechaço e pertencer ao que não pertence à sociedade. O social tenta manter a imagem deteriorada, oculta o que interessa, que é o mantimento do sistema de controle social.

Quanto mais diferente for o indivíduo do padrão determinado pela sociedade, mais acentuado o desvio; quanto mais discrepante for a dife-



rença entre as duas identidades, uma real e a outra idealizada pelo modelo social, mais acentuada o estigma; quanto mais visual, quanto mais acentuada e recortada a diferença, mais significativo, mais estigmatizante; quanto mais visível a diferença entre o real e os atributos determinantes do social, mais se acentua a problemática do sujeito regido pela força do controle social. A discrepância entre as duas identidades é prejudicial para a identidade social; o sujeito assume uma postura isolada da sociedade, ou de si mesmo, e passa a ser uma pessoa desacreditada pela sociedade que o rejeita e, em consequência, passa a não aceitar a si mesmo. O sujeito passa a ser o diferente dentro de uma sociedade que exige a semelhança dos seus pares, não reconhece, na semelhança, as diferenças. Sem espaço, sem papéis e função, dentro do grupo a que pertence, não pode ser nomeado; e, sem nome, por não conseguir relativizar as diferenças, passa a ser um “ninguém”, “um nada” nas relações com o outro. Perde a sua voz; sem voz e espaço, não consegue assumir seus papéis e funções sociais na interação com o grupo a que pertence. Não pode ser nomeado, ser o sujeito da ação.

Os estigmatizados assumem um papel fundamental na vida dos ditos normais, pois colaboram, estabelecendo uma referência entre os dois e demarcam, assim, as diferenças entre ambos pelo contexto amplo social. Segundo Goffman<sup>4</sup> (1993, p. 56), outra possibilidade dos estigmatizados de demarcar seu papel social surge quando sua diferença

*No se revela de modo inmediato, y no se tiene un conocimiento previo (o, por lo menos, él no sabe que los demás la conocen), es decir, cuando no se trata en realidad de una persona desacreditada, sino desacreditable.*

E desacreditado, não necessita somente manter o controle da tensão emocional diante dos controles sociais, mas também manter um bom controle da informação acerca dos estigmas, como, por exemplo, revelar ou ocultar em seus contatos e em que situação ou em que momento pode expressar ou silenciar, dizer a verdade ou mentir a quem,

como, onde e quando queira.

A visibilidade do estigma constitui um fator decisivo, e aqueles que convivem com o estigmatizado ou o acompanham em sua vida cotidiana têm um papel importante, pois podem exercer influência na apreensão da identidade social do indivíduo.

A identidade social estigmatizada destrói atributos e qualidades do sujeito, exerce o poder de controle das ações internas do sujeito e reforça a deterioração da sua identidade social, enfatizando as marcas e desvios, ocultando o caráter ideológico dos estigmas. A sociedade impõe a rejeição, levando à perda da confiança pessoal em si e na sociedade. E, como tal, reforça a marca a representação social de incapazes e prejudiciais à interação social na comunidade, reforçando o imaginário social da doença e ou “irrecuperável” e danoso às relações de convivência social.

#### **ESTIGMAS: NOMEAR E RENOMEAR. ESPAÇO PARA A INCLUSÃO NA SOCIEDADE**

Retomando o conceito de estigma como algo representativo de uma ameaça aos grupos não considerados estigmatizados, ao mesmo tempo a sociedade necessita e, diante disso, cria um duplo movimento: aproxima na intenção da comparação, tendo o objetivo de marginalizá-los e, assim, afastá-los para defender-se de uma ameaça constante às estruturas sociais, pois não consegue manter um movimento relacional com o diferente, e sim com os grupos considerados semelhantes.

A sociedade limita e delimita a capacidade de ação de um sujeito estigmatizado, marca-o como desacreditado e determina os efeitos maléficos que ele pode representar. Quanto mais visível for a marca, menos possibilidade tem o sujeito de tentar romper ou ocultá-la nas suas inter-relações, pois, já identificada, dificilmente poderá reverter a imagem formada anteriormente pelo padrão social.

Com referência à criança ou ao adolescente considerados marginais no entorno geográfico – e, diante disso, passam a ser denominados marginais nas transgressões dos valores e normas sociais –, a percepção da escola pode ser aprendida pelo sujeito

de forma positiva, mas a realidade de participar e ou frequentá-la pode ser percebida como algo inacessível, porque a imagem que constrói de si é, na realidade, diferente da do outro, uma imagem estigmatizada, incapacitada para conseguir realizar o que é do outro, convive e sobrevive à margem do fracasso, não pode participar dos logros construídos pela sociedade, pois estão excluídos do processo de desenvolvimento humano. Assim, as instituições de ensino e a família podem abrir espaço para a inclusão do sujeito marcado pela diferença, como algo que acrescenta, que cria e transforma, pois o diferente poderá contribuir com novas perspectivas e novas formas de criação.

Para Minuchin(1982)<sup>5</sup>, a família é uma unidade social que desenvolve múltiplos papéis fundamentais para o crescimento psicológico do sujeito, marcando as diferenças no contexto dos parâmetros das diferenças sociais e culturais, mas com raízes universais. A família tem uma organização de apoio, proteção, limites e socialização de cada elemento; tem uma proposta e propriedades de autoperpetuação; uma vez favorecida uma mudança, a família preservará o processo de mudança, pois as experiências são qualificadas dentro dela e permanecem na vida do grupo. A família convive com as mudanças de valores, de padrões éticos, econômicos, políticos e ideológicos cuja finalidade é acompanhar as transformações da sociedade.

A família transmite a tradição e representa o cenário do imaginário cultural, com os significados e significantes dos ritos e mitos do presente e do passado, construindo sua história particular, marcando as relações internas e externas dos vínculos afetivos e sociais, com a intenção de estruturar o universo psicológico dos membros do grupo familiar. Através dos vínculos estabelecidos na família, o sujeito estigmatizado pode encontrar o suporte para apreensão das suas diferenças no contexto das semelhanças, relativizar a diferença e, dentro da mesma, oportunizar que o diferente pode acrescentar pontos significativos na sua identidade social, algo diferente no universo das semelhanças.

Refletindo, quando os lugares e os papéis não são definidos nas relações sociais, as demarcações são prejudicadas, as histórias se mesclam e as funções são invertidas; instaura-se a violência e esta, vivida na sua história particular, perpassa as fronteiras e vai perpetuar-se na história do sujeito, na busca de situações violentas para perpetuar a história individual na construção de novas relações, instaurando uma herança maldita de componentes destrutivos. A ausência de vínculos nas relações do sujeito inscreve a desordem, a ausência da autonomia e da referência do ser individual no contexto do grupo social. A sua história pessoal pode ser uma mera repetição da sua relação com o grupo a que pertence, a busca de situações de rechaço, de componentes marcados pela impossibilidade de estabelecer vínculos com o grupo de referência; instaura-se o registro da violência nas suas relações, estrutura-se o ciclo da repetição dos componentes destrutivos; atravessa os espaços, as fronteiras do individual para o coletivo e, em decorrência, contribui para os desvios dos sujeitos envolvidos na trama.

Os espaços de discussões acadêmicas têm como papel fundamental a produção do ensino e novas construções do saber. Cabe à instituição universidade, universo de conhecimento, incluir diversas categorias consideradas estigmatizadas através da discussão, da palavra e viabilizar e produzir novas perspectivas, contribuir para que a sociedade possa conviver, de maneira sadia, com o diferente no lugar do semelhante, para produzir conhecimentos diferentes – semelhante, aproximar, através da pesquisa, novos conhecimentos, incluindo a exclusão, e, conseqüentemente, propor novas transformações sociais.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Professora-adjunta, Unicap, Departamento de Psicologia, Mestre em Antropologia, UFPE; Doutora em Psicologia, Universidade de Deusto, Bilbao – Espanha.
- <sup>2</sup> GOFFMAN, Erving. (1993) Estigmas: La identidad deteriorada. 5.ed. Buenos Aires: Amorrortu Editors. 172 p.



<sup>3</sup> GOFFMAN, Erving. Op. Cit, 1993

<sup>4</sup> GOFFMAN, Erving. (1993) **Estigma**: La identidad deteriorada. 5. ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores,. 172 p.

<sup>5</sup> MINUCHIN, Salvador. (1982) **Famílias funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas,. 238 p.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: la identidad deteriorada. 5. ed. Buenos Aires : Amorrortu, 1993. 172 p.

MELO, Zélia Maria. **Bandidos e mocinhos**. Recife. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco. 1991.

\_\_\_\_\_. **Violencia y Familia** : supervivencia en la casa y en la calle. Bilbao, 1999. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidad de Deusto, 1999.

MINUCHIN, Patricia. **Trabalhando com famílias pobres**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1999.

MINUCHIN, Salvador. **Famílias**: funcionamento e tratamento. Porto Alegre : Artes Médicas, 1982. 238 p.

\_\_\_\_\_. **La recuperación de la familia** : relatos de esperanza y renovación. Buenos Aires: Paidós, 1994. 307 p.

\_\_\_\_\_. **Calidoscopio familia** : imágenes de violencia y curación. Barcelona : Paidós, 1994. 217 p.